

UMA ABORDAGEM ESTÉTICO-FUNCIONAL DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA: PRESSUPOSTOS E PRÁTICAS

Quaisquer estudos de Língua Portuguesa tendem a rotulá-la como Língua difícil e complicada, cheia de regras e exceções, exercícios maçantes e massivos, adestrando crianças, jovens e adultos para competições em que a resposta correta deve ser dada sem nenhuma preocupação com considerações de ordem estética ou funcional. Todos os seus usuários, seja em que nível for, sentem-se sacrificados no contato tedioso com a língua materna. Listas, relações de palavras, exercícios confusos, ordens herméticas, tudo é permitido, na crença de que os fins justificam os meios para a manipularem “corretamente”.

Infelizmente isso é tratado da forma mais inadequada possível. O pano de fundo ainda é aquele onde o tradicional (no mau sentido), o ortodoxo, o estereotipado se constituem em modelos a serem seguidos.

Pensamos que somos os donos e usuários da Língua e, como tais, temos de administrá-la, percebê-la de maneira atuante e crítica. O bem falar e o bem escrever não significam passividade. Cabe-nos, no entanto, ser agentes de um processo, proceder a uma diária celebração das situações que nos permitem fazer com que essa Língua esteja integrada às nossas vidas.

Não há dúvida de que os estudos gramaticais são básicos e insubstituíveis. Não para repetirmos e concordarmos com o que os grandes mestres escreveram; mas, para depois de profundamente conhecê-los em suas formulações, teorias e conceitos, exercermos a nossa crítica distanciada. Sempre dizemos que a tradição e a modernidade devem andar juntas. A tradição propiciou que os estudos lingüísticos evoluíssem, avançassem, se desenvolvessem. Em nome de uma pretensa modernidade não se pode jogar fora um cabedal inesgotável e precioso de conhecimentos eternos e universais. Apenas é fundamental, depois de conhecê-los e internalizá-los, ir além, em busca de outras alternativas, outros caminhos para procurarmos a plenitude que só uma língua viva nos pode proporcionar. Aproveitarmos o potencial de que a nossa Língua é detentora nas suas estruturas, formas, sons, palavras, frases, discursos.

Com tudo isso, é extremamente redutor, pobre e simplista o que fazemos com o estudo da Lín-

gua: os chavões, as repetições, as imposições, a contenção de limites de algo que não os tem, que pode, pela sua invenção e originalidade, proporcionar realmente um conhecimento maior e visceral, não só numa situação escolar, momentânea, mas na própria vida.

Estudar Língua Portuguesa para conhecê-la não é de maneira alguma dividir e classificar orações, classificar vogais e consoantes, dar a classe das palavras, saber se é com *s* ou *ç* e por aí vai. É tudo, sim, num determinado e necessário momento, mas de maneira nenhuma só isso. É imoral que um professor (profissional de Língua?) deixe ficar no seu ouvinte e/ou espectador essa idéia. É um desperdício para nós, que acreditamos nesse olhar inteiro(iço) para os estudos lingüísticos sem intenções ortodoxas.

Não é de hoje que os alunos das Faculdades de Letras, de maneira geral, terminam seus cursos de graduação com a sensação de que nada sabem, sendo tomados de pânico ao se depararem com as turmas sob sua responsabilidade.

Dentre os motivos possíveis que explicam tal comportamento, pensamos que um dos mais importantes seja aquele referente ao fato de como foi ministrada a Língua Portuguesa. O ensino dos conteúdos específicos visto por meio de conceituações, regras, teorias dissociadas do texto, da falta de concretização plena do que lhes foi passado abstratamente contribui para a sensação de vazio, de despreparo para exercerem o ofício pelo qual optaram.

Não vivenciam a gramática de uma língua. Não transferem seus conhecimentos. Entretanto, não podem ser os únicos culpados já que não lhes foram mostradas possibilidades de perceberem as finalidades dessa língua viva de que se servem, mas de que se utilizam com tanta parcimônia e inadequação.

É evidente — e nunca diremos o contrário — que a teoria gramatical, aí incluindo a Fonética/Fonologia, Morfologia, Sintaxe deve ser ministrada. Através de estudos sincrônicos e diacrônicos, as gramáticas normativa e descritiva precisam ser exaustivamente analisadas para que seja percebido o sistema lingüístico em todas as suas manifesta-

ções. Só que não podemos parar aí. Precisamos ir além. Mostrar que tais conhecimentos não são suficientes. Que ficam sem sentido, isolados e distantes da realidade lingüística em que nos inserimos em todos os instantes da vida, seja em que contexto for, com qualquer registro ou discurso.

O estudante de Letras precisa entender que a língua materna está calcada em matrizes especiais que a tornam rica e variada, instigante e criativa.

As mesmas alegações que a fazem ser considerada uma língua complicada — com excesso de regras e exceções — podem servir, vistas sob outro enfoque, para mostrar as infinitas possibilidades de usos e criações, revertendo a “fama” que carrega.

E o que é esse “ir além”? É transferir o conhecimento teórico para o texto, seja de que tipo for. É fazer com que se entenda que todas as teorias se transformam em prática efetiva quando lemos ou falamos. A gramática de uma língua está no texto, não sob a forma de regras, teorias, conceitos abstratos e distantes, mas concretizada plenamente para que a vivenciemos, finalmente encontrando a verdadeira razão para o estudo da Língua Portuguesa.

Para concretizar nossas idéias, escolhemos um determinado fato gramatical: as composições eruditas (hibridismos), dentre tantos possíveis. O *corpus* para esse experimento recaiu sobre o texto de Monteiro Lobato em suas obras para crianças. Isso se deve por reconhecermos no genial escritor um criativo manipulador da língua materna, escrevendo numa época em que se privilegiava a ortodoxia gramatical e qualquer inovação não era bem aceita.

Cabe-nos apresentar breve teoria sobre o fato gramatical em questão.

Celso Cunha já dizia que “a palavra está sempre ligada à coisa que designa. Uma coisa nova exige uma denominação também nova.”

Decorrente de novas conquistas nas ciências, nas artes, nas letras, na indústria, no comércio, na tecnologia, estamos observando o número considerável de vocábulos que entram em nosso idioma, criados pela exigência desse vertiginoso progresso em todos os campos.

Chamamos neologismos a essas palavras ou expressões novas que se introduzem na língua.

Mário Barreto, dentre as condições para a existência de uma palavra ou expressões nova, destaca duas: “1) hão de satisfazer uma necessidade da língua, designando objetos, expressando idéias ou matices duma idéia que careçam de palavras apropriadas para serem significados; 2) hão de observar-se na sua formação as leis morfológicas relativas à estrutura das palavras simples e primitivas e à construção das derivadas, compostas e justapostas.”

São variadas as fontes mais comuns de neologismo: nomenclatura técnica, importação estrangeira, gíria, etc., sendo que pode também resultar dos processos ordinários, utilizando pelo idioma na formação de vocábulos novos, isto é, da derivação e da composição.

Ismael de Lima Coutinho diz que “na formação de palavras novas, deve-se ter o cuidado de usar elementos homogêneos. Do contrário, resultará o que os gramáticos denominam hibridismo”, que é, então, a palavra formada por elementos heterogêneos, isto é, de procedências diferentes.

Não entraremos na discussão que se arrasta entre nossos estudiosos a respeito da problemática dos hibridismos. Ficaremos apenas com dois pensamentos de Mattoso Câmara Jr.; segundo ele, “esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico, que não é levado em conta na sincronia” e outro, justificando o emprego dos compostos híbridos, “muitos gramáticos consideram o hibridismo; mas ele decorre em regra, da circunstância de que os dois elementos já são sentidos como portugueses em virtude de cada qual figurar em vocábulos usuais portugueses.”

Abordaremos os hibridismos tão somente na medida em que aparecem em Monteiro Lobato.

Preferimos nomear o item de composições eruditas e não hibridismos por acharmos que estes se situam naqueles, considerando-se seus elementos formadores e as razões dos seus respectivos aparcimentos.

Lobato utiliza esse processo lingüístico à sua feição com resultados altamente expressivos e pitorescos. Mistura grego ou latim com o português, ou até mesmo com palavras criadas pelo seu gênio inventivo em combinações interessantíssimas. São vocábulos que se assentam com precisão ao objeto ou situações desejadas. Valendo-se ou não do hífen, conforme a situação o exija, dá às palavras assim formadas todas as características exigidas pela estrutura da língua em que opera, respeitando-lhe as normas primordiais.

Mesmo as que não são “coisas novas” que para Celso Cunha exigiriam “denominações novas”, até essas se revestem de uma acepção especial, envolvida pela aura mágica da cosmovisão lobatiana.

Examinaremos a seguir algumas ocorrências com radicais latinos funcionando como segundo elemento da composição.

- “fero — que contém ou produz”

O erro foi ainda menor — só de 18 dias.

Batatalífero, não? (Viagem 141)

Frutífero, produtor de frutas; argentífero, produtor de prata ...

— **Milhífero**, produtor de milho — gritou a boneca... (Poço 12)

Todas as terras banhadas por esses mares são **laranjíferas** (Hércules I 286)

A Ilha de Creta era “**bovinífera**”, como disse o Visconde, isto é, abundante em bois. (Hércules II 24)

- “cida — que mata”

A menina não admitia **periquiticídios** nem **tucanicídios**. (Reforma 93)

- “voro — que come”

Ele é milho e as veadas são *milhívoras*...
(Hércules 119)

Os radicais gregos também se fazem presentes, funcionando ora como primeiro elemento da composição, ora como segundo.

- “eidos, donde procede óide — que se assemelha a”

A senhora Condessa está sofrendo duma anemia macelar no pernil *barrigóide* esquerdo.
(Reinações 66)

... trazendo como dádiva uma dos maiores prodígios do mundo — um “*milhóide*” que falava muito bem... (Minotauro 201)

- “logia - ciência”

... sobre política e sobre o modo da cabeça da gente funcionar, isto é, sobre o espírito, as idéias, a inteligência, etc. Como se chama essa ciência, senhor sabidão?

Pedrinho engasgou:

— *Cabeçologia!* — gritou lá de longe a boneca (História 92)

- “grama - escrito”

Pronto que foi o *borboletograma*, surgiu uma dificuldade. A quem endereçá-lo?

(Reinações 59)

- “metro - que mede”

O instrumento que a natureza usa é o mesmo daquele Zé Caolho que esteve consertando a casa do Elias Turco: o *olhômetro!* (Viagem 75)

- “polis - cidade”

Aquela bem lá adiante é *Anglópolis*, a cidade das palavras inglesas.

— *Galópolis*, a cidade das palavras francesas. A outra é *Castelópolis*, a cidade das palavras espanholas. A outra é *Italópolis*, onde todas as palavras são italianas. (Gramática 12)

- “tele - longe”

Será possível que além dos olhinhos de telescópio ela possuísse *tele-olfato?* (Hércules I 170)

São puras “cegueiras” em comparação dos nossos *tele-olhos*. (Viagem 123)

Não há a presença do hífen embora o segundo elemento se inicie por vogal.

Eu bem disse que eles tinham *telecrocotós*.
(Viagem 123)

Temos como primeiro elemento um radical grego numa composição em que se associa à criação de Lobato.

É necessário que registremos um tipo de composição erudita que foge aos padrões normais quanto aos seus elementos formadores, mas cujo emprego é bastante fértil na língua portuguesa.

... e acabaria com todo esse continente batizado com o meu nome — *Pedrinholândia!* (Geografia 116)

— Seus pais, Juquinha, foram obrigados a mudar-se para a *Papolândia*. (Chave 54)

No primeiro exemplo, o primeiro elemento é um substantivo próprio associado à palavra inglesa “land”, que significa “terra” devidamente aportuguesada em “lândia”. No segundo, ocorre o mesmo com o segundo elemento, sendo que o primeiro é o substantivo comum *papo*, mas que devido ao sentido apresentado, assume características do nome próprio.

Bibliografia

BARRETO, Mário. *Através do Dicionário e da Gramática*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 16. ed., Petrópolis: Vozes, 1992.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 6. ed. revista, Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: MEC/FENAME, 1977.

LOBATO, Monteiro. *Obras Completas*. Brasiliense.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *Projeto de Pesquisa “A Concretização Funcional e Estética da Gramática da Língua através de Textos”*. UERJ/ FAPERJ.